

# "A Polônia não será mais a mesma"

Por John Vinocur, do New York Times.

CMP 2.1.7.171

O papa João Paulo II, em nove dias triunfantes na Polônia, transformou-se em um elemento novo, e ainda incalculável, para o futuro das relações Leste-Oeste.

Acima dos efeitos imediatos da visita, o sentimento que permanece, aqui, como consequência dessa primeira viagem de um papa a um país comunista, é a da decisão demonstrada por João Paulo II de se envolver nas questões básicas da vida nos países do bloco soviético, e de que a sua voz será uma fonte de enorme influência, na Europa Oriental, nas próximas décadas. Referindo-se a si próprio como "este eslavo", "este polonês", o ex-arcebispo de Cracóvia, agora com 59 anos, parecia decidido a demonstrar a sua unidade, deixando claro que, oito meses depois de sua eleição pelo Colégio Cardinalício, a sua missão está definida; a reaproximação entre os blocos do poder, e a defesa dos direitos humanos nos países da Europa do Leste — ambos objetivos tendo o mesmo peso.

Essa mensagem do papa foi apresentada às multidões, que totalizavam às vezes seis milhões de poloneses, com tanta emoção, tamanha paixão, e um tal desprezo pela sutileza diplomática, que o efeito foi devastador. Para o desconforto tanto das autoridades comunistas como vaticanas, o papa mostrou-se o tempo todo de bom humor, desconfiado, um homem que dizia exatamente o que pensava, uma efervescente personagem que chorou, riu, e declarou que a leitura de textos previamente preparados era tediosa, acrescentando-lhes portanto improvisos extremamente divertidos.

A situação era totalmente nova, e difícil de manipular: um papa polonês, falando diariamente para multidões de compatriotas sobre o fato, por exemplo, de a União Soviética e os seus aliados não terem ido em sua ajuda durante o cerco de Varsóvia, na Segunda Guerra Mundial; sobre a História Cristã da Checoslováquia, da Bulgária, da Polónia, da Iugoslávia e da Lituânia; sobre a necessidade, para a Europa, de um retorno ao cristianismo, caso queira superar suas atuais divisões; sobre a oposição entre comunismo e cristianismo, e sobre como o Estado deve submeter-se, sempre, à total soberania da Nação.

Tudo isso aconteceu em praticamente uma semana, um clima de calor, desordem, e num volume difícil de classificar. A questão óbvia, agora, é saber como é que o efeito cumulativo de tudo isso poderá ser refinado e repetido, nos próximos anos.

Gracelando com os fiéis em Cestochowa, João Paulo II mostrou quão bem ele entendia as dificuldades dessa aproximação, ao dizer: "Estou certo de que há muita gente, lá fora, que ainda não conseguiu engolir este papa eslavo"...

## CRÍTICAS

Os temas semeados pelo papa, dependendo de como sejam tratados, poderão ser a fonte de um novo tipo de diálogo Europa de Leste — ou se constituir em permanente elemento de confronto. Em um dos seus discursos em Varsóvia, por exemplo, na presença de Edward Gierek, líder do Partido Comunista Polonês, o papa levantou a questão das alianças, afirmando que a sua validade depende de elas levarem ou não, os países que delas participam, a uma situação de maior bem-estar e prosperidade. Para a Europa Oriental, comunista, onde os membros do Pacto de Varsóvia e do Comecon julgam, com frequência, que essas organizações funcionam apenas como apoio logístico para a União Soviética, o sentido da referência do papa foi mais do que claro. E irritou profundamente os funcionários comunistas do país, que, cedo ou tarde, deverão prestar contas a Moscou quanto à forma pela qual "geriram" a visita do papa à Polónia.

A preocupação dos dirigentes do partido com esses comentários, é que quando eles são pronunciados em solo polonês por um papa polonês, sendo ouvidos por milhões de pessoas nos países vizinhos, tendem a derrubar os tabus que o sistema criou durante 35 anos, em relação à discussão aberta desse tipo de assunto.

João Paulo II atingiu um nervo ainda mais exposto ao discutir a questão da legitimidade do poder do Estado, quando abordou a questão da normalização das relações Estado-Igreja polonesa em sua mensagem ao episcopado da Polónia. "Em termos especificamente poloneses, disse ele, liberdade religiosa não quer dizer apenas liberdade de crença, mas liberdade para a Igreja, a fim de que esta assumam seu lugar na sociedade". Além disso, continuou ele, "normalização significa que o Estado entende a sua missão junto à sociedade de acordo com o princípio da subsidiariedade" — ou seja, de servir à Nação, que é soberana.

Em declaração ainda mais direta, o papa disse que "a legitimidade dos Estados da Europa do Leste depende essencialmente de sua vontade de concordar em que são eles que servem ao povo, e não o contrário". O que foi um modo de dizer que o sistema socialista não é uma finalidade em si, e que as nações têm o direito, definitivo e final, de determinar como devem viver.

O papa sugeriu ainda que os objetivos das sociedades comunistas são equivocados e inadequados. "Cristo jamais aprovaria — disse ele na cidade industrial de Nowa Huta — que os homens fossem considerados, ou considerassem a si próprios, como meros instrumentos de produção, ou que

fossem apreciados, julgados e avaliados de acordo com esse princípio". E acrescentou: "Isto é algo para ser lembrado por trabalhadores e patrões, por empregados e empregadores, pelo sistema que regulamenta o trabalho como por aquele que trata da remuneração".

O papa ainda ofereceu uma visão do futuro — e talvez uma previsão do que será o seu pontificado, a longo prazo — que deixou claro o seu compromisso com um envolvimento na questão das relações Leste-Oeste, e dos negócios da Europa Oriental. "A Europa — disse ele —, apesar de sua atual, e há muito existente, divisão de regimes, ideologias, e sistemas econômicos e políticos, não pode parar de buscar a sua unidade fundamental e tem de voltar ao cristianismo".

E mais: "Apesar das diferentes tradições existentes no território europeu, em sua porção oriental e em sua parte ocidental, em cada uma delas subsiste o mesmo cristianismo. E a cristandade tem de se comprometer novamente com a formação da unidade espiritual da Europa".

## A REAÇÃO OFICIAL

Os dirigentes poloneses receberam tudo isso, em sua maioria, com uma espécie de equanimidade pré-programada. E praticamente não tinham outra escolha, já que uma vez aceita a ideia da visita do papa, a única reação possível seria classificá-la como um sucesso — que foi o que o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Stefan Staniszewski, fez. "Um sucesso completo — disse ele. Estamos felizes com isso. Estamos satisfeitos em ver que o papa foi tão ampla e cordialmente recebido. Não estamos nem surpresos nem embaraçados com esse fato: ele é um grande polonês, e uma personalidade notável, fora do comum. E um grande humanista."

Na verdade, o governo polonês tem várias coisas com que se alegrar. Não houve conflitos de rua, nem a efervescência de emoções contrárias que poderiam ameaçar o regime. O papa falou frequentemente enquanto patriota polonês, frisando a unidade e a independência da Polónia. E depois de admoestar os soviéticos de uma maneira mais do que oblíqua, ele inverteu a situação, chamando a atenção, em seu discurso em Auschwitz, para os sofrimentos e a contribuição dos soviéticos, na Segunda Guerra Mundial, para uma vitória dos aliados.

Um publicitário, que é também membro do partido, disse-nos, em uma conversa pessoal, que o governo está também satisfeito com o fato de ter recebido a visita do papa logo no começo do seu pontificado. Reconhecendo o papel que João Paulo II poderá vir a representar na Europa do Leste, ele disse achar que não existe a menor possibilidade de que o papa se transforme em uma figura semelhante à do aliatóla Khomeini, incitando à revolta, ou pelo menos à desobediência. "Isso não combina com a personalidade do papa — disse ele — e há muitos campos, como por exemplo o acesso da Igreja à televisão, em que fizemos e faremos muitos progressos".

Mas, ao mesmo tempo, o regime teve de sofrer a indignidade de constatar e reconhecer a maciça resposta do povo ao papa como um espelho de sua própria falta de popularidade. Mesmo em questões de estilo, como a do tipo de relacionamento estabelecido entre o papa e as suas platéias, cada dia da visita de João Paulo II foi uma dolorosa ilustração, para os líderes poloneses e de outros países da Europa Oriental, de sua absoluta falta de contato com a população.

## GUERRA FRIA

Como seria impossível, na atual situação, atacar o papa, a provável resposta ideológica à sua visita será presumivelmente a insinuação de que os meios ocidentais de informação manipularam as declarações do papa no sentido de fazê-las servir aos propósitos da guerra fria, embora o governo polonês não tenha a menor garantia de que será capaz de lidar com os efeitos psicológicos causados por essa viagem.

"A Polónia não será mais a mesma — declarou Jerzy Turowicz, editor do famoso semanário católico *Tygodnik Powszechny* — ainda que, na superfície, o status quo pareça igual." E continua: "A visita do papa liberou algumas forças psicológicas muito interessantes, e elas terão de ser levadas em consideração pela hierarquia política. Como é que se lida com tanta esperança, com tamanha auto-confiança, como todo esse novo sentimento de envolvimento e de liberdade?". Os efeitos cumulativos, as decorrências, os resultados de um súbito sentimento de frustração depois do longo momento de emoção intensa, não são fáceis de projetar.

O que é certo é que uma vez de volta a Roma, o papa João Paulo II terá um grande papel a desempenhar, na canalização dos resultados dessa visita, em seu próprio país e nos países vizinhos. A nova dimensão do seu papel na Europa Oriental, e a independência da sua personalidade, tornam a sua resposta tão imensamente importante quanto imprevisível. "Ele é o primeiro líder ocidental a realmente entender a Europa Oriental", disse um polonês — o que é uma situação totalmente nova para todo o mundo.